

forma independente de comunicação contra a hegemonia dos meios utilizados pelas elites. O melhor exemplo demonstrado é o do aristocrata Rufo, cuja mansão foi grafitada por uma viva crítica: “Rufo foi representado caricaturalmente narigudo, careca, com queixo grande, orelhas pequenas e aparece laureado como um imperador. Permite observar o grau da oposição popular à elite local e comprova o espaço livre do qual dispunha o povo” (p. 29).

O autor continua mostrando como as oficialidades no mundo inteiro em nossos dias, mais que noutros tempos, despojaram as camadas subalternas de sua possibilidade de expressão e comunicação.

Estética e Lingüística

O autor analisa as influências e relações recíprocas entre os fatos expostos pela linguagem falada, escrita e as condições da vida social de Pompéia como espelho da civilização clássica. A lingüística fundiu-se com a estética de vez que através da forma de comunicação sobressaem os elementos não-lingüísticos como instrumentos de gladiadores e figurações.

Tratando o grafitismo pompeiano como fenômeno não-erudito, Funari observa que eles são impregnados de lirismo próprio dos grafitadores, tanto na forma quanto no conteúdo.

O conteúdo remete ao contexto cultural específico do autor da mensagem impregnado do sentido de classe social, sexo, idade, posição ideológica e autoimagem do grafitador. A forma ajusta-se ao conteúdo na medida que o auxilia na realização de uma manifestação estética. Qualquer mensagem, ao ser exposta, implica, necessariamente, uma forma de expressão que agrada mais ou menos, que possui maior ou menor adequação ao gosto do ouvinte. [pag. 34]

Estabelece três níveis de manifestação artística através dos grafites. O primeiro é o verbal, pelo sentido das palavras. O segundo é o fônico, pelos sons contidos nas palavras. O terceiro é o icônico, pelos desenhos esboçados na forma gráfica das palavras. O exemplo mais claro dessa trilogia, especialmente pelo efeito iconográfico, é a inscrição *Severa felas* = “Severa, chupas” (p. 60-62). A frase, além de representar os sons convencionais das palavras, parece querer gravar um certo ruído da cena. As letras do alfabeto empregadas na frase, separadas ou interligadas por longas hastes e botoeiras, formam um quadro de figuração humana em movimento.

Assim segue o livro cumprindo o objetivo a que se propôs o autor. O espaço a mim reservado neste minifúndio de papel chegou ao seu limite máximo.

ANTONIO DE PAIVA MOURA
Fundação Escola Guignard
Belo Horizonte

DANFORTH, Loring M., TISIARAS, Alexander. *The Death Rituals of Rural Greece*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1982, 229 p., com fotografias.

O período de junho de 1975 a junho de 1976, o fotógrafo Alexander Tisiaras passou-o numa aldeia ao norte da Grécia, a mesma que seus pais tinham deixado para trás trinta e cinco anos antes quando foram viver nos Estados Unidos. Esta viagem resultou num ensaio fotográfico cujo tema central foram os rituais de morte realizados, neste período, na aldeia.

Ao retornar aos Estados Unidos e após mostrar suas fotografias, Alexander Tisiaras

foi encorajado a procurar um antropólogo que se interessasse por fazer uma análise destes rituais. Na primavera de 1979 convidou Loring M. Danforth a juntar-se a ele neste projeto e, finalmente, no verão, os dois seguiram para a Grécia, para Potamia. Desta experiência, Loring M. Danforth e Alexander Tisiaras realizaram o livro *The Death Rituals of Rural Greece*.

Organizado em quatro capítulos, o livro apresenta na Introdução e nos dois primeiros capítulos denominados “Death in Potamia e Anthropology of Death”, respectivamente, além de uma descrição etnográfica do modo de vida e dos rituais de morte praticados na aldeia, uma excelente apresentação das discussões antropológicas correntes acerca dos processos simbólicos e cognitivos relacionados com a morte. É uma oportunidade também para o autor reconhecer sua dívida intelectual para com muitos outros antropólogos, entre os quais destacam-se Arnold Van Gennep, Robert Hertz, Claude Lévi-Strauss, Edmund Leach e Victor Turner.

Contudo, o que deve ser destacado ainda nestes dois capítulos iniciais é a exposição clara do impasse vivido dramaticamente pelos habitantes de Potamia: como conciliar uma perspectiva religiosa, ou seja a crença na imortalidade da alma, com a evidência empírica da destruição e do desaparecimento do morto, isto é, da sua “pessoa”? Para Loring M. Danforth é este impasse que se constitui na estrutura dramática, ou melhor, no “enredo” que deflagra todo o processo ritual que se inicia ainda no período de agonia, no caso das mortes naturais dos velhos da aldeia, ou então, na preparação do morto para os funerais, no caso das mortes repentinas.

Usando o esquema explicativo apresentado inicialmente por Arnold Van Gennep¹ e posteriormente desenvolvido por Victor Turner² a propósito dos *rites de passage*, o autor mostra no terceiro capítulo intitulado “Death as Passage” de que modo os habi-

tantes de Potamia conceitualizam a morte, fazendo dela uma transição. Neste caso, após os funerais que se referem à primeira fase do processo ritual, isto é, à separação, segue-se o período liminar que pode durar cerca de cinco anos. Neste período, mesmo enterrado, a família não perde a comunicação com o morto. Ao contrário, durante todos estes anos, através das mulheres da família, ela assumirá a responsabilidade de vigiar e zelar pela alma do morto a fim de que a mesma consiga chegar a seu destino final — o paraíso — e lá se separe definitivamente do mundo dos vivos. Para tanto, estas mulheres³ totalmente vestidas de preto deverão, durante todos estes anos, diariamente, visitar os túmulos de seus parentes e, após limpá-los, sentar-se sobre eles, mantendo por algum tempo uma “conversaço” com seus mortos.

Esta fase, a mais longa de todo este processo ritual, tem como foco principal, segundo a etnografia realizada por Loring Danforth, os lamentos rituais recitados diariamente sobre os túmulos. Apesar de se basear nos trabalhos de Margareth Alexiou, Emily Vermeule e outros estudiosos, o autor propõe uma interpretação própria destes lamentos ao reforçar o seu caráter propriamente cognitivo, ou seja, lógico e reflexivo. Para ele, a importância de se estudar estes lamentos não reside apenas na sua dimensão poética, ou então, no seu aspecto exclusivamente funcional como forma de apaziguamento desta “crise da presença” deflagrada pela morte de um parente.

É a partir deste caráter reflexivo dos lamentos rituais que a comunidade de Potamia, segundo Loring Danforth, através das mulheres, tenta resolver e solucionar o impasse lógico que a morte instaura. Daí o autor se deter no quarto capítulo denominado “Methaphors of Mediation in Greek Funeral Laments”, na descrição destas metáforas de mediação presentes tanto nos lamentos como nos diversos ritos que os acompanham. Mais uma vez observa-se a

presença de Victor Turner⁴, para quem a metáfora, além de ser uma “forma de conhecimento tácito”⁵, “é a nossa condição de efetuarmos a fusão instantânea de dois campos de experiência separados numa imagem iluminada, icônica e encapsulada”⁶.

Ficamos sabendo, assim, que o funeral propriamente dito pode ser celebrado como um casamento, caso os mortos sejam jovens e solteiros. Deste modo, os cônjuges serão a terra, os seixos e outros elementos naturais e a “ida para o túmulo” passa a ser análoga à “ida para a casa dos afins”. Neste sentido, os lamentos se referirão ao morto/morta como a um noivo ou a uma noiva. Em seguida, há a possibilidade também de o funeral ser assimilado a uma viagem e aí os habitantes de Potamia têm um espectro enorme de situações reais, uma vez que muitos dos seus habitantes emigraram para muito longe, como o caso dos pais de Alexander Tisiaras, e por isso mesmo cortaram as ligações com a terra natal. Por último, temos a vida humana comparada à vida de uma planta para mediar a oposição vida/morte. Observa-se então que a metáfora relacionada ao corpo humano é a comida. E se o corpo é comido pela terra, então ele a nutre dando vida ao mundo e à natureza. Neste sentido, “ser comido pela terra” passa a não significar mais “destruição”, ao contrário, o corpo ao retornar à terra e sendo “comido” por ela consoma o próprio ciclo cósmico da existência humana: do pó vies-tes, ao pó retornarás.

Chegamos finalmente à terceira e última fase do processo ritual: a exumação dos restos do morto. Este é o momento crucial de todo o processo ritual e do livro, uma vez que o sucesso ou não de todo o empreendimento ritual ficará registrado publicamente através da qualidade dos ossos: se estiverem claros e limpos é sinal de que a alma está salva e chegou a seu destino, sem problemas; se estiverem negros e sujos, sinal de que houve problemas. Não é por acaso en-

tão que este momento é cercado de enormes expectativas, ansiedade e angústia, conforme nos mostram as fotografias de Alexander Tisiaras. E não é também por acaso que a ocasião pode ser pretexto para a explicitação dos conflitos existentes no interior da aldeia. Além disso, há o papel das mulheres como “guardiãs” e garantidoras da viagem da alma em direção a seu destino, que é virtualmente colocado em risco todas as vezes em que os ossos não se apresentam conforme o esperado.

A exumação então, como podemos depreender no quarto e último capítulo, “Wounds that never Heal”, representa o paroxismo deste impasse lógico ao qual nos referimos: mesmo claros e limpos, simbolizando portanto o bom termo da viagem, as pessoas “sabem” que o que têm pela frente são ossos, apenas ossos e que tudo acabou, cessando inclusive, a partir daquele momento, qualquer comunicação com o morto, doravante transformado num antepassado e cujos restos irão ser depositados no ossuário (coletivo) da capela do cemitério, perdendo assim toda a sua individualidade. Ora, é este processo de transformação e elaboração da “pessoa” — cuja pertença é o mundo dos vivos — em “antepassado” — cuja pertença é o mundo dos mortos — que pode nos reconduzir à dimensão filosófica da morte: por encerrar um enigma jamais solucionado, é a morte por excelência que melhor expressa os dilemas próprios da atividade de conhecimento.

Neste sentido, Loring M. Danforth, por conta de sua excelente etnografia e apoiado nas cenas registradas por Alexander Tisiaras, foi capaz de nos mostrar como o “lidar com a morte e o morto”, ter de resolver o impasse provocado pelo *gap* que ela instaura no curso da vida social a cada vez que irrompe com a violência que a caracteriza, implica e exige dos homens um esforço e um investimento que ultrapassa em muito a ordem das emoções e dos sentimentos: ela nos exige intelectualmente,

obrigando-nos a agir de certo modo e a desempenhar determinados papéis, nos colocando assim inevitavelmente diante da questão do conhecimento de nós mesmos e dos outros.

Notas

- 1- VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- 2- TURNER, Victor. *O processo ritual*. Petrópolis: Vozes, 1974; *The Forest of Symbols*. Ithaca: Cornell University Press, 1967.
- 3- É interessante observar o processo de construção das identidades sociais e as relações de parentesco em jogo a partir dos papéis específicos que cada sexo desempenha nos rituais de morte.
- 4- TURNER, Victor. *Dramas, Fields, and Metaphors: Symbolic Action in Human Society*. Ithaca: Cornell University Press, 1974.
- 5- Expressão usada por Victor Turner retirada de Karl Polanyi.
- 6- Citação feita por Victor Turner retirada de Robert Nisbet.

LAURA GRAZIELA F. F. GOMES
Departamento de Antropologia
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia
Universidade Federal Fluminense